

DESCONSTRUÇÃO DE ESTRUTURAS: IDENTIDADE RACIAL E PEDAGOGIA DECOLONIAL

Joice dos Santos Sacramento¹
Joana Lúcia Alexandre de Freitas²

Resumo: Este trabalho destaca a relevância e a urgência de discutir a construção da identidade racial na sociedade contemporânea, destacando seu papel crucial na busca por igualdade, justiça e harmonia. A identidade racial é considerada uma parte fundamental da experiência humana, ganhando destaque em um mundo multicultural. A pedagogia decolonial é apresentada como uma abordagem inovadora que desafia as estruturas de poder do colonialismo, visando uma educação mais inclusiva e equitativa. A conexão entre identidade racial e pedagogia decolonial é enfatizada, ressaltando o papel da educação na construção e desconstrução de estereótipos e preconceitos raciais, justificada pelos desafios globais de racismo e discriminação. A construção de uma sociedade mais justa é vinculada à análise crítica das estruturas existentes e à exploração de abordagens educacionais que promovam o reconhecimento e a valorização da diversidade racial. O artigo destaca a relevância dessas questões para a construção de uma educação democrática e pluralista, reconhecendo a riqueza das perspectivas culturais e raciais. A pesquisa propõe objetivos específicos, incluindo a promoção do diálogo sobre a importância da identidade racial e da pedagogia decolonial na escola, além da desconstrução de preconceitos e estruturas de poder no currículo da Educação Básica. A metodologia adotada envolve a elaboração de um artigo de opinião fundamentado em pesquisas bibliográficas, não apenas fornecendo uma revisão da literatura, mas também contribuindo para uma análise crítica e reflexiva sobre a temática. O questionamento central destaca a necessidade de abordar eficazmente as questões de (des)construção da identidade racial e promover uma pedagogia decolonial que valorize a diversidade étnica e cultural em uma sociedade cada vez mais diversificada.

Palavras-chave: Identidade racial, racismo, pedagogia decolonial.

DECONSTRUCTION OF STRUCTURES: RACIAL IDENTITY AND DECOLONIAL PEDAGOGY

Abstract: This work highlights the relevance and urgency of discussing the construction of racial identity in contemporary society, highlighting its crucial role in the search for equality, justice and harmony. Racial identity is considered a fundamental part of the human experience, gaining prominence in a multicultural world. Decolonial pedagogy is presented as an innovative approach that challenges the power structures of colonialism, aiming for a more inclusive and equitable education. The connection between racial identity and decolonial pedagogy is emphasized, highlighting the role of education in the construction and deconstruction of racial stereotypes and prejudices, justified by the global challenges of racism and discrimination. The construction of a more just society is linked to the critical analysis of existing structures and the exploration of educational approaches that promote the recognition and appreciation of racial diversity. The article highlights the relevance of these issues for the construction of a democratic and pluralistic education, recognizing the richness of cultural and racial perspectives. The research proposes specific objectives, including promoting dialogue about the importance of racial identity and decolonial pedagogy at school, in addition to deconstructing prejudices and power structures in the Basic Education curriculum. The methodology adopted involves the preparation of an opinion article based on bibliographical research, not only providing a review of the literature, but also contributing to a critical and reflective analysis on the topic. The central question

¹ Graduada Pedagogia - Faculdades Integradas de Linhares.

² Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde- Universidade Federal de Santa Maria.

highlights the need to effectively address issues of (de)construction of racial identity and promote a decolonial pedagogy that values ethnic and cultural diversity in an increasingly diverse society.

Keywords: Racial identity, racism, decolonial pedagogy.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho reflete a necessidade iminente de discutir e refletir sobre questões cruciais que afetam profundamente a sociedade contemporânea que é a construção da identidade racial, uma temática central que pode contribuir para a promoção da igualdade, justiça e harmonia da sociedade. A identidade racial é uma parte fundamental da experiência humana, e as discussões sobre raça, etnia e identidade são cada vez mais importantes no mundo multicultural.

Nessa perspectiva, a pedagogia decolonial oferece uma abordagem crítica e inovadora para a educação que desafia as estruturas de poder e as heranças do colonialismo, o que pode promover uma educação mais inclusiva e equitativa (SILVA JUNIOR et. al. 2022). A junção entre identidade racial e a pedagogia decolonial é particularmente relevante, pois a educação desempenha um papel importante na construção da identidade individual e coletiva, bem como na desconstrução de estereótipos e preconceitos raciais.

Unir a pedagogia decolonial e a identidade racial tem relevância na contemporaneidade, pois desafios significativos relacionados ao racismo, à discriminação e à exclusão racial são enfrentados em muitas partes do mundo. A construção de uma sociedade mais justa e igualitária requer uma análise crítica das estruturas existentes e a exploração de abordagens educacionais que empoderem as pessoas a reconhecerem e valorizarem a diversidade racial (RIBEIRO,2019).

Além disso, esse tema também é relevante para a construção de uma educação mais democrática e pluralista, que reconhece a riqueza das perspectivas culturais e raciais. Abordar essas questões nesta pesquisa oferece uma plataforma para uma discussão pública importante e pode contribuir para a conscientização e a mudança social (RIBEIRO, 2019). É fundamental promover a reflexão e a ação em relação a esses temas que são urgentes na sociedade. Mediante aos fatos e ideias expostas, surge um questionamento: Em uma sociedade cada vez mais diversificada, como é possível abordar de forma eficaz as questões de (des)construção de uma identidade racial e promover uma pedagogia decolonial que valorize e respeite a diversidade étnica e cultural?

Diante desta questão, tem-se como objetivos: I - promover o diálogo sobre a importância da identidade racial e da pedagogia decolonial na escola; II- desconstruir preconceitos e estruturas de poder historicamente implantadas pelo racismo estrutural no currículo da Educação Básica.

A metodologia adotada para a realização deste trabalho consiste na elaboração de um artigo de opinião fundamentado em pesquisas bibliográficas. De acordo com Oliveira (2019), um artigo de opinião é uma forma de expressar pontos de vista e opiniões embasados em uma revisão crítica da literatura. Dessa forma, este trabalho busca não apenas fornecer uma revisão da literatura, mas também contribuir com uma análise crítica e uma reflexão sobre a temática em discussão.

2. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RACIAL

A construção da identidade racial nas pessoas é um processo complexo que inicia desde muito cedo e prossegue por toda a vida. Quando crianças, esse processo de identificação pode começar através da observação de suas características físicas, como a cor da pele, cabelo, olhos. Essas diferenças podem ser percebidas também através das diferenças culturais nas pessoas ao seu redor, seja no seio familiar ou nas escolas.

Para Fanon (2008), a percepção das diferenças raciais ocorre desde a infância, pois as crianças negras começam a perceber as diferenças raciais desde muito cedo, muitas vezes através de experiências de discriminação racial.

A família, a escola, os amigos e a mídia desempenham um papel significativo nesse processo. As mensagens que as crianças recebem sobre raça e identidade racial podem influenciar profundamente como elas se veem e como veem os outros, uma ideia que reflete os conceitos discutidos por Ribeiro (2019), em que explora a importância da perspectiva racial na construção da identidade. Nessa perspectiva, a escola é um dos lugares de maior desempenho da (des)construção da identidade racial nos estudantes. Portanto, é necessário que seja um ambiente que contribua para a boa formação de valores, atitudes e crenças, bem como para promoção da autoconsciência e na desconstrução de preconceitos (RIBEIRO, 2018).

Conforme apontado por Souza (2021), identidade racial é uma construção social que vai além da simples classificação racial baseada em características físicas. A identidade racial passa a ser fortemente influenciada por fatores históricos, políticos e culturais, que moldam a forma como as pessoas se veem e são vistas. Nesse contexto, a construção da identidade racial torna-se um processo dinâmico que leva em consideração as experiências pessoais e as interações sociais.

Por sua vez, Gomes (2008) ressalta a relevância do termo *identidade racial* no contexto das políticas de ação afirmativa e da promoção da igualdade racial. Logo, a identidade racial não é apenas uma questão de autodefinição, mas também uma ferramenta política que tem por finalidade combater o racismo e promover a inclusão social. Dessa forma, a identidade racial é fundamental para garantir a representatividade e a equidade nas instituições e na sociedade como um todo.

Ademais, é importante analisar a ideia de Nascimento (2020), sobre identidade racial, quando enfatiza a importância da construção de uma identidade racial sólida e positiva para os afrodescendentes no Brasil. Essa identidade deve ser forjada a partir da valorização das raízes africanas, da resistência ao racismo e da consciência da contribuição inestimável da cultura afro-brasileira para a sociedade.

Diante das perspectivas de Souza (2021), Gomes (2008) e Nascimento (2020) apresentadas anteriormente, torna-se evidente que a construção da identidade racial é um processo heterogêneo e uma construção social, cultural e política que reflete a complexidade das experiências afrodescendentes no Brasil.

3. INFLUÊNCIAS E CONSEQUÊNCIAS DO RACISMO NA SOCIEDADE

A identidade racial se refere à maneira como as pessoas se percebem e são percebidas em termos de raça ou etnia. É uma construção social e cultural que envolve a

autoidentificação e as experiências de um indivíduo em relação à pertença racial (HALL, 2003). No contexto do Brasil, que é um país marcado pela diversidade étnica, a identidade racial desempenha um papel fundamental nas interações sociais e nas questões de desigualdade racial.

Essa identidade é influenciada por uma série de fatores, incluindo a história do país, as relações raciais, estereótipos e preconceitos que moldam as experiências das pessoas em relação a si. Desta forma, a análise da influência do racismo no Brasil começa pela compreensão da construção da identidade racial e de como ela é afetada por inúmeros fatores. Nesse contexto racial, o racismo no Brasil é enraizado desde a história de escravidão, época em que as pessoas negras foram submetidas a condições desumanas e tratadas como propriedade (RIBEIRO, 2019).

Esse legado de desigualdade racial persiste na sociedade e afeta o acesso à educação e a permanência nela, também a questão do emprego, bem como a equidade nos serviços prestados pela justiça e saúde. Entre os fatores históricos, sociais e culturais que norteiam o racismo no país ao longo dos anos, ainda se destaca a tentativa do branqueamento da sociedade, que remonta o período colonial e ainda ecoa nos dias de hoje (DOMINGUES, 2019).

No período colonial, o Brasil foi o destino de africanos escravizados que foram submetidos a condições deploráveis e violências sistemáticas. Concomitante a esse martírio, a elite branca brasileira promoveu ideologia de branqueamento, que enfatizava a superioridade da "raça branca" e a necessidade de miscigenação afim de *melhorar* a raça brasileira (MOTA; MARINHO, 2013)

Após a abolição da escravatura, em 1888, muitos viam no casamento entre pessoas negras e brancas mais uma maneira de suprimir a herança africana através da miscigenação. Os casamentos interraciais eram tidos como uma forma de fortalecer a questão do embranquecimento da população, e mais uma ação influenciada pelo racismo. Algumas pessoas ainda perpetuam a ideia e se submetem a situações de casamento com pessoas de etnia branca com o discurso que querem que os filhos nasçam com traços eurocêntricos, a fim de que não tenham que enfrentar o mesmo que seus antepassados enfrentaram (SOUZA, 2015).

Então, as influências do racismo no Brasil podem ser observadas em diversas esferas. Mudanças no cabelo, como alisamentos e progressivas, muitas vezes são um reflexo das pressões sociais que valorizam os padrões eurocêntricos de beleza, mantendo a ideia de que cabelos cacheados ou crespos são inadequados e feios (RODRIGUES, 2017).

Seguindo a premissa das mudanças influenciadas pelo racismo, outra prática que ilustra isso no Brasil é a busca por cirurgias plásticas para *embranquecer* características físicas, como afinar os narizes largos ou colorir e tentar diminuir os lábios carnudos. Isso reflete a internalização de estereótipos negativos e a idealização de características brancas como mais atraentes e socialmente aceitáveis, fazendo com que a concepção daquilo que é belo se resume a traços europeus (BERTH, 2019).

A prática de recorrer a procedimentos cirúrgicos para mudar as características físicas ao ideal de beleza branca é um símbolo da pressão social exercida sobre os indivíduos afrodescendentes. Essa busca por uma estética mais próxima dos padrões eurocêntricos pode ser interpretada como uma forma de escape, em que a internalização de estereótipos

negativos leva à idealização de características brancas como sendo mais atrativas e socialmente aceitáveis.

A busca por padrões de beleza que refletem os traços europeus no Brasil revela ainda uma realidade que é complicada e está profundamente enraizada na estrutura social. A alteração no fenótipo sugere uma tentativa de adequação a padrões estéticos associados à branquitude, como uma resposta à exclusão racial, ou seja, uma tentativa de mudar as próprias características físicas para serem mais bem aceitos na sociedade (SOUZA, 2021).

Esse comportamento, ganhou força pela influência do racismo estrutural, e aponta um fenômeno denominado de *negro evoluído*, em que os indivíduos, de forma consciente ou inconsciente, buscam se afirmar em uma sociedade através do mimetismo do pensamento e comportamento de brancos, dessa forma, negros repudiam seu fenótipo e cultura, para assimilar a cultura do branco à sua realidade, inclusive, alguns tentam se casar com brancos para tentarem ser *menos negro (negro evoluído)* e aceito como um exceção à regra: *Negro de alma branca*, ou seja, um indivíduo que difere dos outros, portanto, digno de ser bem tratado (FANON, 2008).

A presença de *negros evoluídos* reflete a falta de empoderamento negro em alguns indivíduos, pois por não saber se impor, eles optam, inconscientemente, por depreciar-se e reproduzir pensamentos, discursos e atitudes racistas. Esse fato corrobora para a desconstrução de identidade de outros negros, e também para que a branquitude justifique a ação através da afirmação de que *nem o negro se valoriza!* (FANON 2008; SOUZA, 2021)

A negação do fenótipo e da cultura pelo próprio negro reflete as influências do racismo que não está apenas enraizado em atitudes individuais, mas também nas estruturas e instituições sociais (ALMEIDA, 2019). Nesse cenário, fica claro a necessidade de questionar e reconstruir os padrões de beleza que elevam a desigualdade racial, a fim de que isso seja combatido de frente.

4. CONSEQUÊNCIAS CAUSADAS PELA FALTA DE UMA IDENTIDADE E A IMPORTÂNCIA DE CONSTRUÍ-LA

Assim como o racismo deixa consequências na vida das pessoas que sofrem com ele, surgem no mesmo contexto as consequências deixadas pela falta da construção de uma identidade racial. Sabemos que a construção da identidade racial é cercada por experiências pessoais, influências sociais e mensagens culturais. Quando essa identidade é desafiada, questionada ou desvalorizada, as implicações podem ser profundas e, em alguns casos, devastadoras. A falta de uma base sólida de identificação racial pode levar a uma sensação de deslocamento, isolamento e desesperança, fatores que contribuem para a vulnerabilidade emocional (HALL, 2003).

Essa falta de identidade racial pode contribuir ainda mais na internalização de estereótipos negativos e, por vezes, levar os indivíduos a adotarem comportamentos que continuem levando à frente o racismo estrutural. A falta desse desenvolvimento racial causa impactos no ambiente profissional e educacional, de forma a afetar as oportunidades de carreira e o acesso a recursos, o que também se estende à autoimagem e leva a uma busca pela validação em padrões de beleza e comportamentos que não refletem a verdadeira identidade cultural daquele indivíduo (SOUZA, 2021).

Dessa forma, a construção da identidade racial se dá como um componente fundamental da experiência humana, de modo a moldar a forma como as pessoas são percebidas pelo mundo e como percebem a si mesmas. Esse processo desempenha um papel muito importante no desenvolvimento da igualdade e na construção de uma sociedade que seja de fato inclusiva. Na certeza de que o mundo é marcado pela diversidade étnica, a identidade racial dá base para compreender quem as pessoas são de onde vêm. Nesse contexto, ao reconhecer e abraçar a herança racial, é possível reconhecer a riqueza das diferentes culturas que contribuíram para a formação de toda a sociedade (BENTO, 2022).

No âmbito educacional, a construção da identidade é um fator essencial, visto que, para os jovens, compreender o desenvolvimento étnico-racial, não apenas oferece um senso de pertencimento, mas também ferramentas críticas para enfrentar os desafios impostos pelo racismo. Quando no ambiente escolar os educandos não têm esse contato, isso pode resultar até mesmo na dificuldade de aprendizagem. Ter uma etnicidade positiva serve como um escudo contra as pressões sociais que promovem os padrões de beleza eurocêntricos. A formação do reconhecimento racial é um passo vital para o reconhecimento e a valorização da diversidade, é um ato de empoderamento e resistência (BERTH, 2019).

A construção da identidade racial é um ato de resistência contra o racismo e a discriminação. Em um contexto em que o racismo estrutural persiste, afirmar e celebrar as próprias características é um ato poderoso de autodeterminação, o que desafia todas as narrativas que são prejudiciais, desconstrói estereótipos e contribui para a criação de uma fala mais precisa e justa sobre a diversidade étnica (BENTO, 2022).

Com isso, entendemos que a construção de uma identidade negra é um dos principais passos para o combate ao racismo e as desigualdades raciais.

5. A PEDAGOGIA DECOLONIAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE COLABORAM PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RACIAL NEGRA

A necessidade de uma educação que promova a valorização da diversidade é inegável. Diante disso, a escola desempenha um papel crucial ao oferecer um ambiente propício para o aprendizado de diferentes culturas, histórias e experiências, incorporando ainda a história e a literatura de diversos grupos raciais e étnicos como afro-brasileiros e indígenas no currículo, o que pode ajudar os estudantes a entenderem a riqueza das contribuições desses grupos para a sociedade e a reconhecerem a importância da diversidade (MUNANGA, 2005; SCHWARCZ, 1993). Desse modo, é preciso ter um currículo que inclua variedade de perspectivas culturais e raciais abrangendo tradições e valores de diferentes grupos étnicos, incorporando ainda autores, obras de arte, eventos históricos e experiências de vida que representam uma variedade de contextos culturais e contribua para uma compreensão mais ampla da heterogeneidade humana. É necessário então aderir como perspectiva a diversidade cultural, diversidade racial, promoção de empatia e respeito e o combate ao preconceito e estereótipos (SILVA JUNIOR et. al. 2022).

Nesse contexto, a pedagogia decolonial surge como uma abordagem educacional crítica e transformadora. Ela busca desafiar as estruturas tradicionais de poder e conhecimento que seguem com a opressão e a marginalização racial, frutos do racismo estrutural. A pedagogia decolonial reconhece que a educação tem sido historicamente utilizada como uma ferramenta de colonialismo e assimilação cultural, muitas vezes ignorando ou

suprimindo as perspectivas e culturas das diferentes comunidades raciais (SILVA JUNIOR et. al. 2022).

A pedagogia decolonial vem desafiar as hierarquias de conhecimento que foram estabelecidas durante o período colonial, a fim de buscar a valorização dos saberes locais, indígenas e afro-brasileiros em pé de igualdade com o conhecimento tradicionalmente visto como eurocêntrico. Essa pedagogia busca incorporar uma variedade de perspectivas culturais étnicas e históricas nos currículos educacionais, incluindo, assim, a promoção da diversidade de autores, narrativas e formas de conhecimento que representem os diferentes grupos sociais existentes (OLIVEIRA; CANDAU, 2010).

Em consonância com esse movimento de transformação, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de (BRASIL, 2018) possibilita o ensino decolonial ao incluir a primeira competência geral para a Educação Básica que destaca a importância de conhecer, utilizar e criar, com autonomia, saberes, linguagens, códigos e tecnologias (BNCC, 2018).

Dessa forma, os estudantes estarão preparados para atuar de forma crítica na realidade, a fim de contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Isso pode ser alcançado por meio da inclusão de autores e obras de diferentes origens, da história e das culturas dos povos indígenas, afro-brasileiros e de outras comunidades historicamente marginalizadas.

Nesse contexto, é de suma importância que sejam desenvolvidos princípios e práticas para que um currículo decolonial seja de fato exercido. O primeiro desses princípios deve ser a formação inicial e continuada para professores antirracistas. É necessário investir em programas de formação que capacitem os educadores a reconhecerem e a abordarem questões raciais de uma maneira sensível e inclusiva. Com isso, é necessário também que as escolas incentivem os professores a se atualizarem de forma constante em relação aos debates sobre diversidade étnico-racial e práticas pedagógicas antirracistas.

A implementação de práticas como a inclusão social é também um passo importante, pois criar um ambiente onde todos os alunos se sintam acolhidos, representados e respeitados pode contribuir para a desconstrução de barreiras raciais. Além disso, a desconstrução do racismo estrutural requer uma análise crítica das estruturas educacionais e busca identificar e corrigir possíveis práticas que afetam de forma negativa grupos raciais como afro-brasileiros e indígenas (BENTO, 2022).

O currículo escolar, inserido nesse contexto, requer uma atenção minuciosa. A revisão do currículo não é apenas necessária, mas fundamental para abraçar uma visão mais ampla das contribuições culturais e históricas. Este processo deve incorporar práticas que garantam que cada estudante se sinta verdadeiramente representado e valorizado em sua identidade.

Um exemplo concreto de implementação dessas práticas é a inclusão de obras da literatura afro-brasileira, como os livros *O Pequeno Príncipe Preto*, escrito por Rodrigo França; *A História do Rei Galanga*, escrito por Geranilde Costa; *Minha Mãe é Negra Sim*, escrito por Patrícia Santana; *Menina Bonita do Laço de fita*, escrito por Ana Maria Machado; e filmes que promovam a educação antirracista, a exemplo de *Pantera Negra*, protagonizado pelo ator Chadwick Boseman e de autoria de Stan Lee e Jack Kirby; *A Pequena Sereia* estrelado por Halle Bailey, sendo dirigido por Rob Marshall; *Estrelas Além do Tempo*, que é de autoria da Margot Lee Shetterly; *O Menino que Descobriu o Vento*, tendo por autores William Kamkwamba e Bryan Mealer; entre outros.

Essa abordagem vai além de simplesmente oferecer uma visão mais realista e rica da diversidade humana, mas também contribui para uma educação mais completa ao romper com narrativas tradicionalmente eurocentradas e resgatar as diversas vozes das pessoas que compõem a sociedade.

Dessa forma, os docentes precisam também ser conscientizados sobre práticas pedagógicas que reforçam os estereótipos e a desconstrução da identidade racial dos estudantes, como a representação da lei áurea em forma de teatros atribuindo à princesa Isabel a função de redentora na *salvação dos povos escravizados* ao invés de evidenciar que a Lei surgiu pela luta antiescravista; ou ainda a encenação do navio negreiro que, além de relembrar toda a dor sofrida por um povo, ainda abre arestas para a prática do racismo entre os estudantes brancos que, ao assistirem, podem debochar dos colegas negros humilhados nas cenas de tortura.

Sendo assim, é necessário combater o eurocentrismo nas práticas educacionais, de forma a desenvolver uma abordagem mais ampla, verdadeira e equitativa das contribuições culturais e históricas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao explorar os caminhos da identidade racial e as complexas influências do racismo na sociedade, este artigo buscou desvendar uma realidade muitas vezes negligenciada. A desconstrução da identidade racial e as consequências dela foram abordadas com um olhar crítico, destacado pela urgência de um debate que transcende as barreiras acadêmicas e ecoa nas estruturas mais profundas da sociedade.

A desconstrução da identidade racial, como evidenciada nas práticas contemporâneas, se revela como sendo um fenômeno que não pode ser ignorado. O processo de luta contra o racismo é também uma jornada de construção, uma forte resposta à marginalização e às pressões sociais exercidas sobre os indivíduos afrodescendentes. Nesse contexto, o racismo estrutural emerge como um desafio persistente, além da pedagogia decolonial surgir como uma ferramenta transformadora para enfrentá-lo.

A pedagogia decolonial, ao se debruçar sobre práticas pedagógicas que colaboram para a construção da identidade racial negra, se revela como um farol orientador. Ao desafiar estruturas tradicionais de poder e conhecimento, ela propõe uma abordagem educacional que não apenas reconhece, mas celebra a diversidade. A inclusão de autores, obras e narrativas que representam as diferentes experiências da população negra se torna um alicerce para a edificação de uma identidade racial sólida e positiva.

A compreensão das influências e consequências do racismo, combinada com a necessidade de desconstruir e reconstruir identidades, destaca a importância de uma abordagem educacional que seja, antes de tudo, inclusiva e afirmativa. A construção da identidade racial negra não é apenas um direito, mas uma contribuição valiosa para a riqueza cultural de uma sociedade que suplica pela equidade e justiça.

De forma geral, a construção urgente de uma identidade racial negra demanda uma resposta coletiva, uma reconfiguração de práticas educacionais e sociais que promova não apenas a aceitação, mas a celebração da diversidade. Que este debate ecoe nas salas de

aula, nas políticas públicas e, acima de tudo, nas consciências individuais, de forma que nos conduza a um futuro mais inclusivo e verdadeiramente igualitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BENTO, Maria Aparecida da silva. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

DOMINGUES, Petrônio José. **Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição**. Editora Senac São Paulo, 2019.

FANON, Frantz Omar. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra/Body and hair as symbols of black identity**. 2008.

HALL, Stuart. Da diáspora. **Belo horizonte: UFMG**, 2003.

MOTA, André; MARINHO, Maria Gabriela. **Eugenia e História: Ciência, Educação e Regionalidades**. São Paulo: CD.G CASA DE SOLUÇÕES E EDITORA, 2013. 360p. (Coleção Medicina, Saúde e História).

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada/[Brasília]: Ministério da Educação. 2005.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. Editora Perspectiva SA, 2020.

OLIVEIRA, Filipe. **Artigo de Opinião**. Educa mais Brasil: Guia Enem, 2019. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/artigo-de-opinioao>> Acesso em: 16 nov. 2023

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, v. 26, n. 01, p. 15-40, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. Editora Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, Thayane Maria L; *et al.* **O RESGATE DA IDENTIDADE NEGRA POR MEIO DO CABELO AFRO**. Anais 69ª Reunião Anual da SBPC - 16 a 22 de julho de 2017 - UFMG - Belo Horizonte/MG.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1931**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA JUNIOR *et al.* **Pedagogias Decoloniais e Antirracismos: a Potência das Práxis Decoloniais**. (Orgs.) Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022. Disponível em: <<http://www.editorafi.org>> acesso em: 17 nov. 2023

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. LeYa, 2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.